

## Representações da Identidade do Tocantins no Discurso Literário de Juarez Moreira Filho

ANA ELISETE MOTTER\*

Este trabalho é resultado da análise da obra literária de Juarez Moreira Filho<sup>1</sup> e tem o objetivo de detectar nuances do processo identitário tocantinense. No que se refere aos processos identitários, partimos da concepção de que os mesmos estão em uma constante construção e se consubstanciam no âmbito da representação<sup>2</sup>. São relacionais e posicionais e que as possibilidades representativas selecionadas para demarcar uma fronteira identitária estão circunscritas em uma concretude, em um contexto histórico que com elas interage e se relaciona.<sup>3</sup>

A escolha da obra literária<sup>4</sup>, do escritor Juarez Moreira Filho para detectarmos facetas do processo identitário tocantinense, dá-se em função desse autor ser do Tocantins, retratar a sociedade tocantinense em seus livros e ter publicado a maioria de seus escritos na cronologia em que se efetivou a autonomia e parte da consolidação do estado do Tocantins. Cronologia essa que, para nós, é privilegiada no sentido analítico, pois com a criação do Estado, em 1989 e sua posterior consolidação, nas décadas subseqüentes, houve, por parte dos vários discursos<sup>5</sup> que permeavam a sociedade em questão, a afirmação de uma identidade político-administrativa nova.

Importante destacarmos, que por ser um literato prestigiado na literatura tocantinense, concebemos o emissor do discurso analisado como uma autoridade, que nos termos propostos por Bourdieu (1996): “[é um porta-voz autorizado, que consegue] agir com palavras em relação a outros agentes [...], na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo

---

\* Universidade Federal do Tocantins, Doutora em História.

<sup>1</sup> Juarez Moreira Filho, nasceu em 03 de julho de 1953, é advogado e romancista, reside em Porto Nacional, no estado do Tocantins. Foi um dos fundadores da Academia Tocantinense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 4, cujo patrono é o padre Luso de Barros Matos.

<sup>2</sup> Nossa concepção relativa ao conceito de representação está pautada em: CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

<sup>3</sup> Nossos aportes teóricos relativos ao conceito de identidade, bem como aqueles que dizem respeito à construção dos processos identitários pautam-se em: - Bourdieu (1989), Hall (2000a) e (2000b) e Cuche (2002).

<sup>4</sup> Dentre as obras do autor destacamos: *Infância e travessuras de um sertanejo* (romance), *Oco do mundo* (romance), *Risos e lágrimas* (biografia), *Rancho Alegre* (memórias), *Mangaratiba – Peões, boiadas, tropas & bruacas* (memórias), *Perfil da Academia Tocantinense de Letras* (história/biografias), *Tipos de rua* (contos).

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que entendemos discurso como uma lógica que atua no interior da sociedade e que busca construir significados, interpelar e construir sujeitos. Ver mais em: PINTO, Céli Regina. *Com a Palavra o Sr. Presidente José Sarney* ou como entender os meandros da linguagem do poder. São Paulo: Hucitec.

grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador” (BOURDIEU, 1996: 89)

Na nossa concepção, a importância da literatura para o estudo dos processos identitários se assenta no fato de que a mesma pode trazer indícios, traços desse processo. Ela traz indícios, na medida em que todo discurso deixa perpassar um imaginário<sup>6</sup> e esse traz consigo a forma como uma comunidade se autopercepciona. Além disso, ela é uma *mimesis*, uma imitação da realidade. É uma verossimilhança que expõe a perspectiva de um real, o qual é composto por uma gama de categorizações identitárias relativas aos sujeitos e grupos nele envolvidos.

Além disso, a literatura traz consigo outra significativa potencialidade para o estudo de questões relativas aos processos identitários: a memória. Pois, o discurso literário, quando lança mão de reminiscências, de lembranças ou de acontecimentos históricos para inserir seus enredos e tramas, além de imprimir à narrativa um “como poderia ter sido”, também incorporando no texto, o que se diz e o que se ouve contar, acaba por fazer o leitor reconhecer-se no narrado, perceber no texto coisas que são suas<sup>7</sup>, ligadas, portanto, a aspectos de sua identidade. Além disso, a literatura, que sempre parte da verossimilhança, sem preocupar-se com o rigor da verdade e que tem um teor lúdico, pode construir uma narrativa que é recebida como história pelos seus leitores. Afinal, estes, mesmo sabendo que a trama do enredo não aconteceu, podem fixar essa narrativa como representação emblemática de um passado, o qual, rememorado pela escrita literária se constitui em um elo de ligação com um presente, o que responde à necessidade que a construção dos processos identitários tem de um sentido de continuidade no tempo.<sup>8</sup>

A obra de Juarez Moreira Filho retrata o antigo Norte de Goiás, nas décadas de 1950, 1960 e 70.<sup>9</sup> Dueré, cidade natal do autor, hoje localizada no sul do estado do Tocantins, predomina

---

<sup>6</sup> “[Imaginação ou imaginário] trata-se da orientação da atividade imaginativa em direção ao social, isto é, a produção de representações da ‘ordem social’ dos atores sociais e das suas relações recíprocas (...), bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder, às imagens do chefe, etc.” (BACZKO, 1985, p.309)

<sup>7</sup> Sobre essa relação entre literatura, história e memória ver: PESAVENTO, Sandra Jathahy. Encontros e desencontros da ficção com a história. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Segundo Caderno.

<sup>8</sup> A necessidade de continuidade no tempo, de ligação entre passado, presente e perspectiva de futuro, que os processos identitários, tanto coletivos, quanto individuais manifestam, está explicitada em: RICOUER, Paul. *La memoria, la história, el olvido*. Madri: Trotta, 2003.

<sup>9</sup> Torna-se importante frisarmos, que a cronologia em que as obras, aqui analisadas, foram publicadas, décadas de 1990 e 2000, é de significativa importância para o nosso trabalho, pois, na mesma, se efetivou parte da consolidação

enquanto cenário para a construção dos seus enredos. Dentre os livros que abordam a cidadezinha natal do emissor podemos citar: *Tipos de Rua, Rancho Alegre e Infância e Travessuras de um Sertanejo*. A Oco do Mundo, cidade que também sedia as memórias do autor, é cenário da obra de mesmo nome, o livro *Oco do Mundo*<sup>10</sup>, que nos leva para o cotidiano de uma cidadezinha fictícia, representada, geograficamente, no antigo Norte goiano.

Em relação à disposição das ruas de Dueré, o autor afirma: “As ruas eram tortas e indecisas se é que, na realidade, eram ruas, existiam assim: ora largas, ora estritas, acabavam-se bruscamente, sem mais nem menos. (...) as ruas acanhadas morriam nos fundos de um quintal qualquer.”(MOREIRA FILHO, 2010:38). A outra cidade que serve de cenário para os personagens e enredos do autor, a Oco do Mundo, se assemelha muito a Dueré e é descrita como um pequeno povoado de ruas tortuosas e casas de pau-a-pique, cobertas de sapé.

*Oco do Mundo era um pequeno arraial, camuflado, bem aboletado, nos confins de Goiás, nos grotões distantes, hoje Estado do Tocantins.*

*Contava com pouco mais de cinco dúzias e meia de casas, mal contadas, agarradas naquelas costelas de pés de serras. E eram dispersas: dez, vinte e até trinta braças, umas das outras; eram, em sua maioria, baixas e sem rebocos, com algumas aqui, ali, acolá, caiadas, e não possuíam alinhamentos. Era comum se enxergar travessas, caibros e ripas despencando dos tetos, portas com tramelas empenadas, ferrolhos enferrujados. E quase todas as moradas eram verdadeiras choças de pau-a-pique, cobertas com sapé, palha de naja ou piaçaba, assemelhando-se mais a tapera. (MOREIRA FILHO, 2010 b :35)*

Na nossa concepção, as memórias de Moreira Filho ao retratarem a arquitetura, a disposição das ruas dessas cidadezinhas do antigo Norte, potencialmente, indicam referenciais espaciais do grupo que comungou experiências de vida na região, nas décadas referidas. Afinal, como Fentress e Wickham (1992), acreditamos as memórias, por serem estruturadas pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas ideias socialmente assumidas e por experiências partilhadas com os outros,

---

do estado do Tocantins. E, como já frisado, nesse momento houve, por parte dos vários discursos que permeavam a sociedade em questão, a afirmação de uma identidade político-administrativa nova. Assim, no nosso entendimento, as lembranças, enredos e tramas retratados nos escritos do autor podem servir de narrativas emblemáticas sobre o passado do Tocantins por parte dos leitores, receptores, da obra de Moreira Filho, em um momento de crucial importância para os esforços construção da identidade tocantinense.

<sup>10</sup> O livro *Oco do Mundo* de Juarez Moreira Filho, teve sua primeira edição em 1982, a segunda, em 1983 e a terceira, em 2010.

sempre carregam consigo uma faceta coletiva e, portanto, um viés que diz respeito à identidade de um grupo.

Assim, misturando realidade com ficção, tudo dentro das possibilidades verossímeis, o autor nos faz adentrar nesses lugarejos, do antigo Norte goiano que, nas suas palavras, apesar de todas agruras, proporcionavam uma vida alegre e despreocupada aos seus habitantes:

*Lá sim, o tempo passava despreocupadamente!...negro só atiçando as labaredas do porronca ou do cachimbo e mentira astuciada, subindo junto à fumaça de tabaco do cornimboque. Mas aquilo é que era vida no Oco do Mundo! O resto era conversa mole para boi dormir! Diziam envaidecidos os seus moradores. (MOREIRA FILHO, 2010 b:36)*

Outro referencial de espaço compartilhado pelos sujeitos do antigo Norte, que é trazido para o presente pela memória de Moreira Filho, é aquele que diz respeito às condições de isolamento infringidas à região, até a década de 1960. O próprio título da obra *Oco do mundo*, com seu duplo sentido, nos remete para um lugar distante, isolado dos grandes centros. Conforme a historiografia goiana e tocantinense<sup>11</sup>, a região onde hoje se localiza o estado do Tocantins experimentou um sofrimento secular por falta de estradas que a ligasse com o Centro-Sul do País, situação só amenizada com a construção da Rodovia Belém-Brasília, iniciada na década de 1960. Escoamento de produção, deslocamento dos habitantes, locomoção para a então capital, Goiânia, tudo era extremamente difícil para o Norte, pois não havia estradas. Em *Rancho Alegre*, o emissor assim descreve uma viagem feita por ele, nos anos de 1960, de Dueré para Ceres: “Agora só uma certeza: era a de não sabermos quando iríamos chegar à cidade de Gurupi. Porque estrada tinha não!... Eram desvios... Atoleiros... Árvores atravessadas pelos caminhos... Ladeiras horríveis... E pinguelas quebradas, carecendo consertos.” (MOREIRA FILHO, 2009:111).

Além desses referenciais espaciais, compartilhados pelo grupo que viveu na região norte de Goiás, entre as décadas de 1950 e 1970, o autor nos faz adentrar em uma cidade garimpeira, Dueré. As memórias do autor relativas a Dueré, a representam como uma cidade que existia em função das lidas do garimpo, da extração do cristal de rocha. A mineração do cristal-de-rocha foi uma das atividades que dinamizaram a economia do antigo norte goiano, a partir da década de

---

<sup>11</sup> Ver sobre: CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *O discurso autonomista do Tocantins*. São Paulo: EDUSP, 2003.

1940 e teve seu auge econômico em 1950 e 1960.<sup>12</sup> Essa mineração provocou o povoamento e a formação de algumas cidades, na região do então Norte goiano, antes da construção da Belém-Brasília, ocorrida na década de 1960. É nesse cenário, em meio ao entusiasmo e às crises provindas da atividade mineradora, que o emissor circunscreve a sua Dueré.

Conforme os escritos do autor, nesse lugar, as atividades que giravam em torno do garimpo organizavam o cotidiano local e indicavam a dinamização ou a decadência da cidadezinha. Em momentos de prosperidade do garimpo, a cidade ficava mais rica, mais habitada, quando no momento de crise, virava um deserto, muitos iam embora. Em um fragmento do livro *Rancho Alegre*, o autor relata o auge da extração de cristal-de-rocha: “Estávamos naquela época vivendo a febre do cristal-de-rocha, onde Dueré, Formoso, Chapada, hoje Cristalândia, Piau, hoje Pium, Monte Santo, Pequizeiro, Chiqueirão, hoje Xabioá, comandavam o espetáculo que havia iniciado na década de quarenta, em sua maioria.” (MOREIRA FILHO, 2009:66)

Em tom saudosista e melancólico, o emissor narra seus sentimentos em relação à decadência da exploração do cristal-de-rocha e, por conseguinte, da sua Dueré:

*Ia aos poucos se arruinando, morrendo, acabando! Viam-se lágrimas de comoção! Era duro e plangente assistir aquela decadência acentuada. Um infortúnio horrível!... Com os dias murchando na declinação triste das tardes!... Com os xodós dos cabarés, desaparecendo exclusivamente por falta de freguês, da teia de homem que escarafunchava o chão, nas escavações. (MOREIRA FILHO, 2009:98)*

O declínio do garimpo de cristal-de-rocha deixou a cidade de Dueré numa situação de decadência:

*Avolumava-se o número de casas de pau-a-pique virando tapera e fogo destruindo-as, queimando tudo! Vi o Dueré se definhando!... Retrocedendo!... E as poucas pessoas que iam ficando no lugar, de índole menos aventureira, não mais possuíam o mesmo estímulo de outrora, pois o preço do cristal-de-rocha no mercado era cada vez pior.” (MOREIRA FILHO, 2009:98)*

---

<sup>12</sup> O Jornal *O Estado de São Paulo*, em matéria que expunha as potencialidades de Goiás, estado que sediava, à época, a construção da capital, Brasília, afirmava que, em 1956, a comunidade de Chiqueirão, hoje Xabioá, contava com 25.000 garimpeiros de cristal de rocha: “Esses garimpos acabam se transformando em cidades movimentadas como é o caso de Xiqueirão (sic), Pium e Chapada atualmente. (O Estado de São Paulo, 11/12/1956, p. 12)

Além dos momentos áureos e de crise do garimpo, o autor indica algumas práticas que norteavam as atitudes e hábitos dos garimpeiros. O enriquecimento fácil, provindo da extração do cristal, é assim retratado pelo autor:

*O garimpo é como loteria esportiva, quando um ganha e enriquece, milhares perdem. Aliás, no garimpo é pior ainda, pois quando o garimpeiro sobe num bambúrrio ganhando um dinheiro qualquer geralmente se quebra no vício incontido do jogo, do álcool e da vaidade desmedida. (MOREIRA FILHO, 2010 a: 48).*

Para o autor, nos garimpos de cristal-de-rocha, a malandragem e a esperteza imperavam entre os garimpeiros:

*Todas essas vivacidades faziam parte do comércio, pois a primeira lição que se aprende como auxiliar de faisqueiro é refugar mercadoria. Pôr defeito!... Falar que aquilo é mais só “forma” ou “emburrado” para depois comprar por uma besteirinha-de-nada. Isso eu aprendi muito cedo. Epa! Mas tem ainda um mundão de tretas pela frente. Que faisqueiro não ensina tudo o quê!... E o que ensina é aos poucos, como quem dá ração a jumento. (MOREIRA FILHO, 2009:71).*

No mesmo romance, o autor traz outro relato que caracteriza a esperteza dos garimpeiros:

*Outra coisa que nunca consegui varrer da memória: Comprávamos as pirâmides e os cachos-de-coco como se fossem para fazer lascas, baratinhas que só vendo!... Depois, lavávamos com escova e muito sabão. Aí, sem um pingão de cerimônia, vendíamos pros faisqueiros do Rio de Janeiro, por uma grana, pois eles levavam essa mercadoria sob encomenda para as madames cariocas, como peças raras de artesanato. (MOREIRA FILHO, 2009:72).*

Além de espertos, os garimpeiros construídos por Moreira Filho, são afeitos a bebedeiras, confusão e violência:

*Tempo bom de garimpagem: Muita cerveja e mulherada!... E eu doido para crescer. Ser gente!... Pelo menos um rapazinho!... Aproveitar a vida!... Achava bonito ver um garimpeiro pau-d'água com o punhal atravessado à cintura falar grosso:  
- Botequeiro abra mais um saco-de-cerveja e ponha pra gelar!*

- Sinsinhô!...

- Ligeiro cabra, senão o parábélum 44 come na cara!...(MOREIRA FILHO, 2009:86).

Em outra passagem, lê-se:

*Nos dia de farra grossa, ou seja, nos finais de semana, quando o lugarejo fervilhava de garimpeiro, a tensão redobrava, pois qualquer zoadada ou aporrinhamento diferente num botequim ou numa quitanda qualquer, a garimpeirada estava pronta, com a mão no cabo do Taurus pra torrar um no tiro ou mergulhar o punhal no peito dum!... Era assim!... Todos queriam fazer figura!... (MOREIRA FILHO, 2009, p.69).*

Nos relatos dessas festas, farras dos garimpeiros, fica evidenciado o vínculo da cidade com a mineração de cristal e seus mineiros, “nos finais de semana, a tensão redobrava”, os garimpeiros influenciavam na marcação do calendário, assim como no ânimo do lugar.

Outro tipo social, ligado às atividades econômicas do antigo norte, que figura na obra do autor, é o boiadeiro. A pecuária extensiva, amplamente desenvolvida no antigo norte goiano, é representada nos escritos Moreira Filho, por meio da construção de personagens/ sujeitos que tiram o seu sustento das lidas com o gado. Em *Rancho Alegre* (2009), assim se refere o autor sobre o toque do berrante:

*(...) o toque de saída solta – aquele que junta a boiada do pouso para a marcha estradeira. É belo!... É saudoso!... E, incontinenti, ele, o berranteiro procedia com todo o sentimento d’alma – o Toque de Estrada! Lindissimo!... Cheio de emoções!... Nostálgico!... Parando a comitiva ao meio dia com o sol a pino, lascando-se em brasas, era a hora certa do almoço da peãozada, e vinha com antecedência um dos sons mais esperado e festejado do berrante- o Toque da Queima do Olho, onde a boiada também descansa um pouco, pasta e bebe água.”(MOREIRA FILHO, 2009:60).*

Ainda sobre o berrante e o berranteiro:

*Acode-me a lembrança neste instante um toque muito usual pelos estradões tropeiros – o Toque Rebatedor – aquele em que o berranteiro, diante de um imprevisto qualquer pede, com urgência, lá na frente, o auxiliar de um capataz, que tanto pode estar no meio da boiada como no coice, na culatra. Às vezes, é simplesmente para retirar da estrada uma égua troncha, um jumento castrado, ou uma vaca parida, para não entrar na boiada. (MOREIRA FILHO, 2009:61).*

Em outro trecho, há a narração do preparo de almoço para uma tropa:

*Depois, ia ajudar a pear a tropa no pastinho lá de baixo, perto da capoeira do Sô Raimundo Pescador. Nisso eu já havia adjuntorado o cuca a desmontar as malas de mantimentos, debaixo do pé de pequiheiro, pra fazer comida, preferencialmente uma Maria-isabel.”(MOREIRA FILHO, 2009:58).*

Dueré e Oco do Mundo são cidades povoadas por garimpeiros, boiadeiros e, também, sujeitos de feições e personalidades simples, sertanejos alegres e extrovertidos. Em seu livro, “Tipos de Rua”, o autor se refere a um sujeito sério, quieto, mas que, mesmo assim, é visto como engraçado, diferente:

*O tipo de rua em si não é um palhaço, mas tem um pouco de palhaço. É um sujeito engraçado por natureza. Às vezes ele pode ser um camarada sério, enraivecido, triste, mas todos riem dele, o porquê ninguém sabe – é o chame do tipo!... Mesmo quando ele está quieto, acorado num canto, sem falar, sem dizer nada, emudecido por completo, sem olhar pra ninguém ele ainda se caracteriza, ou seja, é diferente das demais pessoas que o cercam. (MOREIRA FILHO, 2010 a:27).*

Em outro fragmento do livro “Tipos de Rua”, o emissor nos descreve o comportamento de um sertanejo tocantinense ao chegar em uma grande cidade:

*Ele confirmou o que viu na chegada: gente apressada, carros velozes, uma loucura, tudo muito diferente de sua Dueré, de onde jamais havia saído. Aí, o Zé do Diógenes pegou a mala novinha que ganhou pra viagem jogou-a nas costas e saiu andando, na imensidão da rodoviária, sem um pingo de desenvoltura, todo desajeitado, E foi andando!... (MOREIRA FILHO, 2010 a, p.56)*

O discurso literário de Moreira Filho, veicula representações relativas aos habitantes do antigo norte goiano que traçam distinção, alteridade aos mesmos. Os sertanejos, na obra do autor são retratados como ímpares no jeito de andar, gesticular e se comportar, são diferentes de quaisquer outros sujeitos. Em “Tipos de Rua”, o autor faz menção às peculiaridades das maneiras de alguns personagens que habitam a sua Dueré, cidade repleta

de habitantes pitorescos: “Cada tipo de rua tem as suas próprias maneiras, o seu jeito peculiar de ser, em especial de conversar, gesticular e caminhar” (MOREIRA FILHO, 2010:33).

O emissor, em vários trechos de sua obra, veicula a ideia de que o sertanejo tem uma concepção de tempo diferente daquela oriunda da cultura urbana. Para esse sujeito, a ociosidade impera enquanto prática e o tempo deve ser vivenciado de forma mais lenta, contemplativa: “O João da Rua era um tipo forçado, seguro, mas ocioso, sem atividade alguma, vadio e cujo assunto era tão somente as tais de pescarias sem fim. Redigo! Era um sem-o-que-fazer!” (Moreira Filho, 2010:33). Em relação à cidadezinha de Oco do Mundo, o autor afirma que seus habitantes tinham uma vida contemplativa e que ninguém era escravo do tempo: “ninguém ali era escravo de relógio como em cidade grande!..” (MOREIRA FILHO, 2010: 88).

No delineamento dos papéis atribuídos aos homens e mulheres dessa sociedade, representada e construída por Moreira Filho, ao gênero feminino era reservada à religiosidade, pois os homens não se prestavam a frequentar missas e rezas, coisas consideradas ocupação de meninos e beatas:

*Os homens do Oco do Mundo não tinham um pingão de interesse pelas coisas santas. O muito que alguns faziam eram mandar suas mulheres e seus filhos para missas e procissões. Eles mesmos não iam. Era tradição do lugar – homem não rodear pé de Vigário! Porém, sem nenhuma convicção religiosa, benziam-se quando passava perto da capela, mas entrar mesmo não! (MOREIRA FILHO, 2010 b:51)*

As meninas do Oco do Mundo ou aquelas que para lá se dirigiam para o aprendizado das primeiras letras, logo caíam na libertinagem e perdiam-se na vida:

*(...) acanhadas mocinhas daqueles chapadões e rincões esquecidos que iam aventurar a vida no ofício de doméstica. Mas não chegavam a frequentar o serviço mais do que oito dias, pois, se misturavam com as piranhas da Rua do Sabugo e outros puteiros e caíam na perdição, largando de imediato os estudos, porque essa estrada da prostituição é larga, depois levantavam as vozes pras patroas, dizendo que não iam fiar na besteira de decorar lição feito papagaio, e a largueza da vida colorida as esperava de braços abertos lá no Vai-Quem-Quer.*

*Outras desmioladas confessavam ironicamente pras patroas que iriam aprender a ler, mas era na Cartilha da Vadiagem, pra aprender bobagens, pra mais tarde ingressarem na faculdade da sem-vergonheza e se formarem prostitutas, pois,*

*assim sendo, com menos tempo elas estariam com a penteadeira abarrotada de perfumes; iam ganhar uma dinheirama no puteiro, e não iam ficar como mestre Augusto contando com o ovo no fiofó da galinha! (MOREIRA FILHO, 2010:59-60)*

Percebemos, na citação acima, que não havia muitas perspectivas para as meninas na sociedade construída e representada pelo autor e que, muitas vezes, a prostituição era um caminho natural a ser seguido por elas.

Já aos meninos, era reservada uma vida de aventura e liberdade resguardadas pelas lidas com o gado e outras atividades que não lhes restringissem a autonomia:

*O que eles queriam mesmo era crescer e aprender o ofício de vaqueiro, vestir perneira, peitoral, colete e gibão de couro, pra se empregarem no traquejo do gado, com o Coronel Silveira na fazenda Olho d'Água, e viverem arrastando e tilitando esporas pelas quitandas, bares e cabarés do Oco do Mundo, nos finais de semana. (MOREIRA FILHO, 2010 b: 62)*

Moreira Filho, ao traçar o perfil feminino que atua em seus enredos, regularmente, faz menção à infidelidade feminina ao matrimônio. Em seu livro “Tipos de Rua”, um marido interroga a sua esposa, que está à beira da morte, em relação à paternidade de um dos filhos, que ele desconfia não ser seu filho biológico:

*Carminha já que ocê 'sta partindo desta vida, responda-me com toda sinceridade de sua bondosa alma, o Fogoiozinho é meu filho?...*  
*Depois de um breve hiato ela emurchecida e tartamudeando as derradeiras palavras, respondeu aos desejos do marido:*  
*- O Fogoiozinho é seu filho. Mas os outros nove não!...”(MOREIRA FILHO, 2010 a, p.43).*

Em outra passagem, da mesma obra, o emissor retrata a infidelidade feminina, seguida de violência e morte. O marido traído assassina a esposa, flagrada com o amante. Situação que indica a prática da violência, em relação à mulher, como uma possibilidade presente, nas relações amorosas, desses personagens/sujeitos, construídos pelo autor.

*João da Rua, abriu a porta de frente com uma chave micha que portava junto à sua tralha e, nas pontas dos pés, de posse de sua inseparável cartucheira, já pronta pra atirar, foi andando!... E foi!... Era um tipo corajoso, e fazer inveja!... E Foi andando!... E foi!... Quando empurrou a porta de quarto, o peteco estava montado: Os dois peladinhos, do jeito que nasceram, em cima da cama de sola rangedeira. Ai prestou não! Ele meteu bala no peito da Laika que caiu morta, mortinha de verdade. (MOREIRA FILHO, 2010 a, p.35)*

As memórias de Moreira Filho, além de circunscreverem papéis para os sujeitos sociais de Dueré e Oco do Mundo, lhes conferindo alteridades e características próprias, também delineiam a figura do *outro*, dessa engrenagem identitária Norte goiana. O Sul de Goiás<sup>13</sup>, na obra do autor é, regularmente, contraponto e o que dá significado ao Norte. Assim, o Norte é, em várias passagens da obra do autor, classificado e nomeado por comparação ao sul, mais urbanizado e integrado à modernidade. Importante lembrarmos, que o significado das identidades só se estabelece por meio da diferença, sentir-se diferente de outro grupo é o que dá amálgama ao sentimento de pertença de um grupo em especial.

No seu romance autobiográfico, *Rancho Alegre*, o escritor descreve a sua estada, na cidade goiana de Ceres para cursar o Ginásio em um internato, na década de 1970, como uma experiência reveladora das diferenças entre os nortistas e sulistas. “Nunca tinha visto um telefone. Nem imaginava que jeito fosse. Falar por um fio... Que coisa esquisita para um matuto do sertão agreste, onde a viagem mais longa era feita na labuta com o gado e no traquejo de tropa pros retiros da Ilha do Bananal.” (MOREIRA FILHO, 2009:114). Na narrativa do autor, tudo era diferente na nova vida, mas a maior dificuldade encontrada para sobreviver nesse novo meio era a linguagem: “O que mais me doía e me revoltava, no internato, era mesmo a linguagem, o sotaque, o meu total desconhecimento das palavras. Até parecia que eu estava vindo do exterior. Eles lá, não me entendiam nem eu os entendia.” (Moreira Filho, 2009:121). Em outra passagem, o emissor afirma que:

*– Aqui descendo vai para a nossa biblioteca! Novamente me perdi nas palavras. Que coisa esquisita?!... Desta vez eram: Refeitório?!... Lavanderia?!... Cantina?!...*

<sup>13</sup> Parte da historiografia tocantinense, assim como a *Imprensa do Tocantins*, também representam a figura do *outro* tocantinense na imagem do Sul goiano. Ver sobre o tema: MOTTER, Ana Elisete. *Representação da Identidade do Tocantins na Literatura e na Imprensa*. São Leopoldo: UNISINOS, Tese de doutorado, 2010.

*Auditório?!... E biblioteca?!... Esta, a bem da verdade, eu tinha ouvido falar, mas não conhecia, nunca tinha pisado os meus pés numa biblioteca. Aliás, foi lá que fiquei conhecendo os poetas antológicos, e a maioria dos clássicos da literatura romanesca brasileira, sobretudo os autores regionalistas. (MOREIRA FILHO, 2009:116).*

O autor continua, fazendo menção à maneira diferente que tinha de se expressar e às dificuldades decorrentes disso:

*Escrevi para mamãe contando como foi a viagem. Descrevi o internato tintim por tintim. E contei-lhe as minhas inúmeras dificuldades, sobretudo na linguagem. Não esqueço de jeito nenhum – eu falava: Reque de calça, no lugar de zíper. Gonda de relógio, no lugar de pulseira, e por aí afora. (MOREIRA FILHO, 2009:125).*

São memórias que exaltam as diferenciações de linguagem entre o nortista e o sulista, demarcando um traço diacrítico entre os dois grupos. Essa demarcação de fronteira efetivada pela fala, sotaque e linguajar, tem um papel considerável na construção de um processo identitário, pois, como afirma Bourdieu (1989):

*As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque [linguajar], são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer grupos” (BOURDIEU, 1989: 113).*

O discurso de Moreira Filho, além de traçar uma fronteira entre os nortistas e sulistas, proveniente das diferenças do linguajar, do sotaque, deixa perpassar a ideia de que os nortistas tinham mais garra e força de vontade para vencer na vida, do que os sulistas.

*Vejo com pesar, com profundo pesar, que muitos desses meus colegas de internato não tenham crescido nas letras. E por ironia de destino eram filhos de ricos, de pais abastados, enquanto outros, que cresceram em diversas áreas do saber, eram filhos de criadores de vaquinhas “pé-duro”, filhos de nortistas (lê-se: habitantes do antigo Norte de Goiás, precisamente, a região onde hoje é o Tocantins). Muitos desses internos estudavam no Álvaro de Melo com o fito de voar alto como águia, mas acabou voando baixinho, rasteiro como o tico-tico. (MOREIRA FILHO, 2009:140).*

No discurso em pauta, a coragem, a capacidade de lidar com os problemas ligados à natureza, ao esforço físico, são marcas que distinguiam os jovens do norte em relação aos do sul. É mais um traço diacrítico do nortista, o qual lhe coloca numa posição favorável em relação ao sulista, adjetivado de frágil para enfrentar os sofrimentos. Em *Rancho Alegre*, o autor faz menção a essa situação quando, em Goiânia, é chamado para servir ao Exército e tem contato com soldados das cidades do sul de Goiás.

*Quem era do sertão agreste como eu não sofria tanto, pois estava mais familiarizado com a dor, com o sofrimento. Agora quem era filho de papaizinho de cidade – Deus os livre!... Nas instruções no mato gritava feito guará. Quando fui destacado para a Guerrilha do Araguaia ou Guerrilha do Xabioá, como queiram, cansei de ver esses filhos de num- sei-o-quê-diga chorarem e dizer: “No quartel sô têm dois dias bons: o dia da incorporação e o dia da baixa. (MOREIRA FILHO, 2009:155).*

O autor continua:

*E o último dia ainda estava longe. Eu ria deles, pois andar no mato pra mim era um hobby. Fui praticamente criado andando a pé, caçando com os vaqueiros de papai, não minto, matando porcão-do-mato, jaó, inhambu e juriti, nas matas fechadas da barra do rio Dueré com o rio Formoso. A guerrilha pesou um pouco para os recrutas, é verdade! (MOREIRA FILHO, 2009:155).*

Outra característica, demarcada pelo discurso em questão, para imprimir diferença ao sujeito tocantinense é a sua valentia e indisposição para levar desaforos para casa. Em um trecho, de *Rancho Alegre*, após descrever vários dissabores, infringidos a ele, por um sujeito turco, em Goiânia, comenta:

*Francamente, foi a primeira vez desde que eu saí pro mundo, que senti saudade da brutalidade!... Do mal feito!... Da ignorância!... Do requinte da perversidade!... E do (des) progresso de minha pacata cidade garimpeira – Dueré! Onde de primeiro, sujeitos como esses turcos safados morriam sapecados na bala ou espetados em ponta de faca, com a platéia rindo, aplaudindo e delirando em volta. Cansei de assistir morte a tiros de 44, no seco da testa ou no pés, por causa de quase nada, uma besteirinha. (MOREIRA FILHO: 149).*

Diante do exposto, podemos afirmar que a obra literária de Moreira Filho enaltecendo as peculiaridades espaciais e culturais do antigo Norte de Goiás, hoje Tocantins, dota esse espaço regional com um passado ímpar, indicando-lhe representações identitárias. Assim, podemos inferir que, se a literatura parte de uma verossimilhança, se ela é uma *mimesis* que, além de imitar, cria um dado novo da realidade compartilhada, a obra de Moreira Filho indica traços identitários para o Norte de Goiás, hoje Tocantins. Isso, porque esses traços tendem a ser comungados por sujeitos pertencentes ao grupo representado, os quais, fazendo parte das mesmas práticas sociais do emissor, são capazes de legitimar e reconhecerem-se no discurso por ele veiculado. Ademais, as representação relativas ao grupo em questão são emitidas através de memórias do autor, de coisas vivenciadas por ele e pelo grupo sobre o qual ele fala. E, para nós, essas memórias não são somente pessoais, pois elas têm, também, um caráter social. Afinal, conforme Fentress e Wickham (1992), acreditamos que as recordações, por serem estruturadas pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas ideias socialmente assumidas e por experiências partilhadas com os outros, sempre carregam consigo uma faceta coletiva e, portanto, um viés que diz respeito à identidade de um grupo.

Importante ressaltar, que para nós, essa memória fragmentária, calcada na experiência individual e da comunidade, não é aqui abordada para a tradução integral do passado. Não estamos procurando rigor empírico nessas memórias, pois é mais a função comemorativa do que a verdade do que é comemorado que nos interessa. Além disso, como Fentress e Wickham (1992), acreditamos que as lembranças são efetivadas pelas perspectivas e demandas atuais e que a memória é a reatualização permanente do passado a partir das necessidades do presente. E, de acordo com os mesmos autores, para a construção da identidade local, é o ato de comemoração que é funcionalmente relevante, e não a verdade factível do que é comemorado. Afinal, a experiência passada recordada e as imagens partilhadas do passado histórico são tipos de recordações que têm particular importância para a constituição de grupos no presente.

### **Referências Bibliográficas**

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. v. 5. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *O discurso autonomista do Tocantins*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000 a. p. 103-120.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b .

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo: 1 dez. 1956, p. 12

MOREIRA, Filho. Juarez. *Rancho Alegre*. 2ª ed. Goiânia: Bandeirante, 2009.

\_\_\_\_\_. *Tipos de Rua*. 2ª ed. Goiânia: Bandeirante, 2010 (a).

\_\_\_\_\_. *Oco do Mundo*. 3ª ed. Goiânia: Bandeirante, 2010 (b).

MOTTER, Ana Elisete. *Representações da identidade do Tocantins na Literatura e na Imprensa (1989-2000)*, 2010. 156 p. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

PESAVENTO, Sandra Jathahy. *Encontros e desencontros da ficção com a história*. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Segundo Caderno, p. 2-3.

\_\_\_\_\_. *Fronteira da narrativa histórica*. 8ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PINTO, Céli. *Com a palavra o Sr. Presidente José Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: Hucitec, 1989.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la história, el olvido*. Madri: Trotta, 2003.